

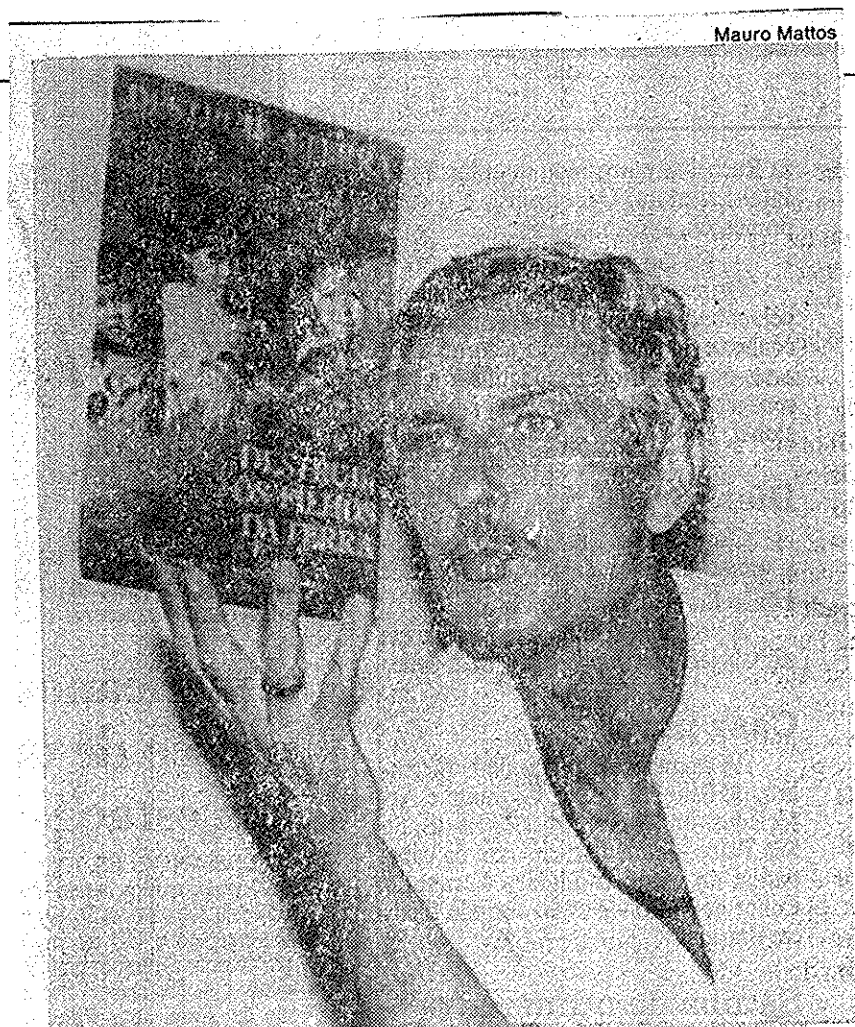
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JB

CLASS. : 662

DATA : 27 03 90

PG. : 05



Padre Gunter: resta pouco da antiga área ianomâmi

Comunidades indígenas querem extinção da Funai

PORTO ALEGRE — As comunidades indígenas do Alto Rio Negro, um grupo de religiosos, antropólogos e pesquisadores e outras tribos amazônicas querem o fim da Funai. Para o padre e antropólogo Gunter Kraemer, integrante do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e que trabalha na integração da tribo zuruaha, a Funai não corresponde aos interesses dos índios por associar-se, em alguns casos, ao grande capital. "O projeto de educação e saúde, por exemplo, era financiado pela Paranapanema (companhia de mineração)", revela.

Segundo o padre Gunter, a Funai representou mais um passo no processo de aculturação forçada das comunidades indígenas. "Os índios são requisitados para prestação do serviço militar", denunciou. Por trás disso, de acordo com o religioso, está a visão geopolítica de que a Amazônia é um espaço vazio que precisa ser ocupado, o que torna inevitáveis certas perdas. "A área ianomâmi foi dividida em 19 regiões e dos sete milhões de hectares restaram apenas dois milhões", exemplifica.

O padre Gunter Kraemer está na

Amazônia há 12 anos, mas passará um mês fora da selva, dando palestras e divulgando seu trabalho sobre os zuruahas. Ele analisa com cuidado a briga dos ianomâmis com os garimpeiros, pois estes "também são joguetes nas mãos do poder econômico". A nomeação do agrônomo José Lutzenberger para a Secretaria do Meio Ambiente traz esperanças ao padre Gunter. "Só não sei se ele vai poder atuar contra esse poder econômico", ressalva.

A desintegração das comunidades indígenas, na opinião de Kraemer, tem agora mais uma espada sobre a cabeça: o Projeto Calha Norte, que visa colonizar as regiões da fronteira do Brasil com as Guianas e a Venezuela. O ecologista José Lutzenberger, antes de assumir a Secretaria do Meio Ambiente, havia tachado o projeto de "absurdo".

Algumas entidades ecológicas que receberam o programa do governo Collor para a área do meio ambiente ficaram surpresas. Segundo Giselda Castro, vice-presidente da Associação Democrática Feminina Gaúcha (ADFG), o Calha Norte era elogiado neste programa.